

# AVANTE!

**PROLETARIOS  
DE TODOS OS  
PAISES: UNI-VOS!**

Ano I — Numero 3  
Preço \$50

Orgão Central do Partido Comunista (S. P. da I. C.)

16 de Abril de 1931  
PORTUGAL

## Trabalhadores de Portugal!

**Preparai-vos para um 1.º de Maio de verdadeira luta de classes!**

**Todos para a rua!**

**Não basta a paralisação do trabalho:**

**E' preciso gritar perante os ladrões agaloados que nos governam; perante a burguezia que nos explora; perante o social-fascismo que nos ilude e atraiçoa, a nossa revolta, a nossa miseria, a nossa fome, o nosso proposito de pôr termo á ditadura da burguezia, de instaurar o governo da maioria; o governo de operarios, camponezes, soldados e marinheiros.**

**E' preciso gritar, face a face, aos miseraveis que, dizendo-se defensores da classe operaria, pretendem a coberto do terror branco e das autoridades fascistas desvirtuar os fins profundamente revolucionarios da jornada internacional do 1.º de Maio, a sua traição, o seu papel de sabujos laçaios da burguezia.**

**Soldados e Marinheiros!**

**Proletarios e Camponezes fardados!**

**Escravisados da caserna!**

**Fraternisai com os vossos irmãos, escravisados do campo e da oficina!**

**Organisai a luta decidida, energica, implacavel contra os vossos carrascos; contra os officiais e contra a odiosa disciplina que vos põe de guarda aos tesouros que a burguezia nos arranca e vos arranca!**

**Operarios e Camponezes, Soldados e Marinheiros!**

**Pela EXPROPRIAÇÃO dos EXPROPRIADORES!**

**Pela União Soviética, unica patria dos trabalhadores de todo o mundo!**

**Pelo reconhecimento do direito á vida dos desempregados!**

**Pelo aumento de salario e redução da jornada de trabalho!**

**Pelo direito de coligação dos soldados e marinheiros, contra os roubos de que permanentemente são vítimas da parte dos officiais!**

**Pelo direito para os soldados e marinheiros de controlarem a administração das unidades!**

NO THEATRO MUNICIPAL

### A MANIFESTAÇÃO-FARÇA

Tal-qualmente como nos tempos da Constituição, em que o partido democratico realisava manifestações espontâneas com baloi-zinhos e tudo, aos seus chefes, na noite de 25 de Março, a Liga 28 de Maio, centro partidario da actual situação politica, realisou também uma manifestação com archotes ao seu fascista-mór.

Tal-qualmente como nos tempos da democracia o governo

fascista de hoje, protegeu com tropas a manifestação, e avolumou-a com todos os componentes proficionais e amadores da sua policia politica. Tal-qualmente como noutros tempos a Comissão falou em nome do povo, dos operarios, dos que lá não foram, dos que a odeiam até, arrogando-se uma representação prestigiosa que por demais, sabia não possuir.

A noite de 25 de Março, não foi, pois, mais do que um plagio, de metodos de acção politicos-burgueses, de tantas outras noites de constitucional entusiasmo. Não teve uma nota inédita.

Porém, a razão politica que a determinou e os objectivos a

(Continua na 8.ª parte)



# O próximo 1.º de Maio

Estamos em pleno período de preparação do 1.º de Maio. Já todas as nossas organizações receberam das instâncias superiores do Partido instruções concretas sobre o assunto. É preciso que elas não fiquem letra morta para todos os nossos camaradas. É preciso que as indecisões e erros postos cruamente a descoberto por toda a nossa organização em relação à jornada de 25 de fevereiro se não repitam.

A radicalização das massas trabalhadoras é um facto que não deixa dúvidas a ninguém.

Os trabalhadores portugueses sofrem simplesmente as desastrosas consequências de 15 anos de direcção confusa e atribiliária do anarco-sindicalismo, teoria absolutamente incapaz de os conduzir à vitória; teoria de renúncia e de derrota que, quer entre nós, quer em Espanha, França ou América do Sul, onde conseguiu penetrar, conduziu o movimento operário à colaboração de classes (França) ou ao esmagamento das suas organizações (Espanha e América do Sul).

Falido o anarco-sindicalismo, passada a social-democracia para as fileiras da burguezia, só o nosso partido—o Partido Comunista—baseado numa teoria saudável de luta e de classes, forjada ao calor de lutas constantes com a burguezia, aceitando todas as consequências da revolução, não temendo perante elas; teoria única que poderá levar a revolução até ao fim, que conduziu o proletariado russo à vitória sobre o capitalismo na guerra como na paz, na política como na economia, na ciência como nas artes, se apresenta como guia seguro para as massas trabalhadoras de Portugal.

Mas precisamente por isso, precisamente porque o nosso partido se apresenta como único guia seguro para os trabalhadores aumentam as nossas responsabilidades. A pedra de toque dos partidos comunistas é a luta prática, diária, constante, implacável contra o sistema capitalista, na vanguarda da classe operária.

Essa posição de vanguarda não se conquista apenas por verbalismo revolucionário; conquista-se com uma visão clara dos desejos, das necessidades dos trabalhadores, com uma dedicação sem limites pela classe operária, com uma actividade febril na organização prática e independente das lutas económicas, constituindo brigadas de choque, grupos de defesa das manifestações, contra a polícia e contra o fascismo indígena, dotando a classe operária dos órgãos indispensáveis à violência da luta presente; conquistou-se sobretudo por uma consequência revolucionária, verdadeiramente bolchevique, por uma luta sem tréguas contra todos os desvios, toda a indecisão, toda a covardia nas nossas próprias fileiras.

O próximo 1.º de maio deve mobilizar totalmente todos os nossos camaradas, membros do Partido e juventudes, simpatizantes e sem partido. Ele deve ser aproveitado amplamente para aplicar a tática de frente única pela base, para denunciar a traição dos chefes anarco-sindicalistas e social-fascistas e recrutar para o nosso partido os elementos mais conscientes e devotados da classe operária.

Ele deve ser ligado intimamente à luta contra a crise de trabalho, contra a redução de salários e contra o prolongamento da jornada de trabalho.

Ele deve sobretudo ser aproveitado para romper com decisão o ambiente conspiratório, em que a repressão colocou o nosso movimento revolucionário, dando-lhe um vasto carácter

## Os Ferroviários, o Governo e a C. P.

Ha bastante tempo que os ferroviários veem reclamando melhoria de situação. A situação dos Ferroviários portugueses é um autentico escarneo á miséria dos trabalhadores. Os seus salarios como ainda recentemente verificámos pelo «O Reduto» vão de 120\$00 mensais a 6.200\$00!

Quere dizer, enquanto alguns ferroviários recebem 120 escudos por mez, ha magnates dentro da C. P que recebem essa importancia em menos de meio dia de trabalho!

Pois a Companhia alega dificuldades financeiras para atender as reclamações do pessoal, e as autoridades, fieis creados da Companhia, acham bem.

Mais: a C. P. ameaça agora o seu pessoal de fazer uma redução no pessoal e nos salarios!

Camaradas Ferroviários: devem ter-vos servido as longas e pacientes negociações que tendes vindo sustentando, ao menos para uma coisa: para vos demonstrar que tão bons são os governantes como os vossos patrões; que nada vos cederão de bom grado; que nada conseguireis pela via pacifica.

Preparai-vos para a luta!

Organisai Comités de luta compostos dos camaradas mais dedicados em todas as estações e secções dos serviços ferroviários!

Preparai-vos desde já para uma luta séria contra a Companhia e contra o Governo, que se servem mutuamente!

Preparai-vos para a greve, unica maneira de impedirdes a ofensiva contra os vossos salarios!

Trabalhadores de Transportes:

Em guarda para auxiliar os ferroviários na sua luta contra o maior colosso capitalista de Portugal!

## Renegados!

Os dirigentes anarco-reformistas do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, apavorados com a radicalisação dos trabalhadores e com o carácter agudo, violento, que a luta de classes vai tomando, com a influencia sempre crescente que o nosso partido alcança entre os trabalhadores da industria que não desmentem as suas tradições revolucionarias, depois de impellidos para o pantano infecto da colaboração de classes, da colaboração com os homens da ditadura militar, não exitam agora, como bons colaboracionistas, como bons serventurios da burguezia, em se collocarem ao lado da ordem, da ordem burgueza, contra a *desordem*... bolchevista.

Assim é que apressadamente, covardemente, quando o governo em 25 de fevereiro tornou publico que reprimiria energicamente qualquer manifestação de rua contra a crise de trabalho, fizeram publicar na imprensa burgueza que «O Sindicato declara-se alheio a qualquer grupo politico que pretenda imiscuir-se neste ou noutros assuntos que são á organização sindical operaria dizem respeito.»

Podem estar descansados os renegados da Construção Civil. As autoridades sabem bem onde está o perigo para a ordem burgueza. Não os incomodarão. Elas sabem bem que o seu mais encarnizado adversario é o tal «grupo politico», é a Secção Portuguesa da Internacional Comunista—é o nosso Partido.

Os trabalhadores da construção civil, tambem se vão dando conta disso, tambem vão verificando que os logares do Conselho Tecnico vos subiram á cabeça e que apenas podem esperar de vós traições, covardias e indecisões. Eles viram bem como a vossa acção na última sessão magna deixou a perder de vista a dos social-democratas, fieis lacaios da burguezia. Eles saberão lançar-vos pela borda fora e refomar o caminho revolucionario de que a vossa obra de renegados os tem feito afas-





## A Câmara Sindical de Lisboa e a reunião de 18 de Março

A reunião da Câmara Sindical de Lisboa, realizada no dia 18 de março, para a qual foram convocados os sindicatos filiados e não filiados (extranhámos sobre-maneira que a Construção Civil, Metalúrgicos e Corticeiros não tivessem mandado representantes ou não tivessem sido convocados), afim de tomar uma resolução para pôr em actividade a massa trabalhadora e lutar pelas reivindicações imediatas que a situação económica presente determina, pôs a claro, mais uma vez, o espirito de seita que anima os militantes anarco-sindicalistas. Esta mesma reunião deu-nos a medida da repugnância e da hostilidade da maioria dos militantes operários para com os procedimentos anarco-sindicalistas. Estes líderes, que alimentam a massa operária com frases metafísicas, quando chega o momento de actuar em conformidade com os princípios marcados «pelos congressos operários», só cuidam em antepor ao interesse dos trabalhadores o da seita que representam.

Os sindicatos convocados pela Câmara, em maioria esmagadora, manifestam o desejo de saber se a Câmara, tendo convidado todos os sindicatos, está disposta a orientar-se pelas suas resoluções. A Câmara, por sua vez, declara categoricamente que as resoluções sejam submetidas ao Conselho Central da Câmara e que dará execução aos acordos desde que estejam em harmonia com os princípios desse organismo, porque, se não, eximir-se-á todo o compromisso.

Quando os anarco-sindicalistas falam do centralismo, da ditadura do proletariado, acusando-a de *ditadura dum partido*, etc., etc., dão a impressão, a quem não os conhece, de homens que procuram manter a sua influência nos meios operários com o sustentáculo da virtude e do zelo que poem na prática dos seus princípios ideológicos. Agora viu-se que, nêles, não influe a maioria operária, mas sim as conspirações infantis. Nos papeis em que escrevem e nas tribunas irresponsáveis, falam da força da maioria; mas quando a maioria dos trabalhadores não vai, não quere ir na nuvem de fumo que êles lhes preparam para a conquista da liberdade terrena, indicando outros meios mais em harmonia com as circunstâncias, antes de aceitarem a discussão e a responsabilidade dos mais, tem de submeter-se ao parecer do Conselho Central da Câmara e acatar o que este Conselho da família anarco-sindicalista determine.

Os sindicatos reunidos a 18 de março, a excepção dum dos fogueiros, que, sem *saber* o que sairia da reunião já falava «dos interesses dum partido, contrários aos dos trabalhadores», manifestaram-se conformes com que fosse a Câmara o organismo materializador dos acordos. Mas a seita defendia-se, não queria carregar com o compromisso de ter que agregar á suas palavras de ordem uma mais: o subsídio aos desempregados por parte do estado e dos patrões. Se não tivesse existido o tenor, se não tivessem tido a exacta convicção de que a maioria dos delegados votaria esta palavra de ordem, certos estamos de que a camarilha teria acolhido de braços abertos a direcção e a execução do que se agrava.

Ante esta manifestação de impotência da Câmara, que caminho devem seguir os sindicatos de Lisboa? Duas propostas surgiram em busca duma saída na célebre reunião: uma, dos Arsenalistas do Exército, pugnando pela nomeação de uma comissão encarregada de elaborar um documento que submeteria a outra reunião de sindicatos, com poderes para materialisar, o que se resolvesse; outra, dos Arsenalistas de Marinha, na qual propunham que fosse entregue o assunto á Comissão Inter-Sindical, já que as palavras de ordem da Câmara são as mesmas, á excepção do subsídio, que as da C. J. S.

Nem uma nem outra deviam aceitar-se. A primeira, a dos Arsenalistas do Exército, viria crear um organismo mais para tratar dos mesmos assuntos que a C. S. de L. quere tratar e nos quais a C. J. S. já está trabalhando. A consequência seria o divisionismo da massa operária em diferentes organismos, que nada

beneficiaria. Sabemos o que influa no animo dos delegados o estado embaraçoso em que a Câmara os colocara: o desejo de que a reunião servisse para algo prático teria determinado nos Arsenalistas do Exército a proposta.

A outra, a dos Arsenalistas de Marinha, integrados nos princípios da Internacional Sindical Vermelha, não respondia á tactica preconizada por esta nem ao interesse dos trabalhadores em geral. Entregar o assunto, origem da reunião, á C. J. S. sem que os sindicatos que a C. S. de L. agrupa participem da luta como trabalhadores que suportam por igual o peso da decomposição económica, é proceder á maneira dos anarco-sindicalistas. Os operários destes sindicatos não podem, não devem ficar isolados do movimento revolucionário português. Os chefes sindicais não nos interessam, mas sim a massa debaixo da sua influência. A esta é preciso agrupá-la numa frente única, para que forme um bloco capaz de destruir as forças da burguesia nos ataques contra o proletariado. Não se deve fomentar o divisionismo, temos que caminhar para a unidade. Todos os sindicatos integrados na C. J. S. devem esforçar-se por conseguir a frente única dos trabalhadores. Já que não se expôs este principio na reunião de 18 de março, e uma vez que a C. S. de L. adoptou as palavras de ordem da C. J. S., estas duas centrais devem formar uma frente única. lutando, assim, pelos interesses imediatos dos trabalhadores.

A frente única não significa renunciar á critica mútua do trabalho realizado em comum. Há que denunciar dos trabalhadores os desvios em que os chefes incorrem durante a luta, criticando ásperamente toda a tendência para o colaboracionismo. A acção da frente única deve levar-se á base das manifestações publicas e das greves. Temos de trocar as *representações* aos ministros pela acção das massas contra os ministros.

## 200 milhões de indivíduos, representando um sexto da população capitalista, passam fome e miséria

Na União Soviética o desemprego está completamente liquidado. Ali, onde o proletariado constrói o socialismo, os operários e os camponeses conseguiram debelar a crise definitivamente. E' que na U. R. S. S. levanta-se uma sociedade nova fundada na comunidade do trabalho e dos beneficios. A este quadro a burguesia opõe o seu, fúnebre, tenebroso, horripilante, — um quadro de fome e de horror, de roubos e de assassinios. A sociedade capitalista decompõe-se, afoga-se nas contradições que encerra. Os potentados da industria e da banca, para manter as posições que conquistaram, não vacilam em carregar sobre as costas dos trabalhadores as consequências da luta, feita de concorrência comercialista e de guerras entre as nações, que os anima. No mundo capitalista o proletariado vive miseravelmente: a sua situação torna-se cada vez mais desesprada. Com a super produção e a racionalisação, além de outros factores derivados da anarquia capitalista, o desemprego estende as garras e prende milhões de trabalhadores. Cinqüenta milhões de desempregados, se não mais, existem em todo o mundo. Se considerarmos que estas vítimas do capital têm mulheres, filhos, familia, fácil é concluir, sem receio de errar, que 200 milhões de pessoas passam fome e miséria, ou seja um sexto da população do mundo capitalista.

Os Estados Unidos dão 10 milhões de desempregados, a América do Sul, 4 milhões, a Alemanha 4,7, a Inglaterra, 2,2, a Polonia, 1,1, a Italia 1,8, o Japão 2, a França 1,5; as Indias têm mais desempregados que os Estados Unidos; na China contam-se por milhões. Estes são os países onde a crise é maior. Ao paraíso capitalista, nós preferimos a U. R. S. S., onde não há um único desempregado, e pela qual nós nos bateremos na defesa da Revolução.





# O PARTIDO COMUNISTA

**Unico caminho rapido e seguro, para a emancipação de todos os trabalhadores de Portugal**

Nunca como agora, os homens estiveram separados pela desigualdade e pelo odio. E, certo que os tempos antigos conheciam a escravatura descarada, legalizada. E' tambem certo que num passado mais proximo, na Idade Média, se praticou a servidão. Nesses tempos coevos a humanidade era composta, sómente, pelos senhores, pelos donos de outros homens. A outra parte dos *de forma humana*, escravos do homem ou da terra, conforme os tempos, eram *coisas*. Como todas as outras coisas, os escravos eram vendidos e comprados, podiam ser mortos pelos seus donos, podiam ser torturados, mutilados, podiam ser alvos de qualquer infamia ou selvagismo. Proletários: Irmãos nossos, de carne e osso como nós, com a sensibilidade que nós temos, foram serenamente liquidados pela fome, pelas vergastadas e por um trabalho sobre humano, por um trabalho *de bestas*. Quantos gritos de dor, de morte, abafados por gargalhadas patricias e burguesas, no *Coliseum romano*!

Trabalhadores: Irmãos nossos sucumbiram esgotados, as costas atravessadas por vergões, abertos a golpes de azorrague, escorrendo sangue, SANGUE HUMANO!

Ajustou-se esta situação miseravel durante seculos e seculos. A massa dos escravos, sempre dominada, rugiu ameaçadora para os seus verdugos, que receosos vão recuando. Outrora o homem-senhor possuía o homem-coisa. Hoje, perante a intelligencia, perante a JUSTIÇA SOCIAL, o homem-mercadoria não existe. Não se concebe, que existam homens na posse de outros homens. Não se concebe, pois, que se consinta a ESCRAVATURA REPELENTE que para ahi se praticou o *Capital* é o senhor, odiado, dos escravos. Os escravos somos nós todos, a esmagadora maioria, a grande massa dos trabalhadores! Tal como nos tempos idos, nós encontramos-nos em pleno seculo vinte, sujeitas á mais odiosa das tiranias. Dispõe-se de nós, dos nossos corpos, das nossas vidas, dos nossos filhos, das nossas companheiras, da mesma forma que se dispõe duma coisa, dum cavallo ou dum carneiro! Somos sujeitos pela burguesia, pelo capitalismo, á mais vil, á mais torpe das escravidões! Ameaçados com a rua, somos obrigados a trabalhar as horas que o *atronato* exige. Por esse paiz fora trabalhamos 10, 12 horas e mais! As fabricas e as oficinas onde trabalhamos são insalubres, infectas prisões! Miseraveis gatunos, roubam-nos o produto do noiso extenuante labor, entregando-nos ridiculos salarios de fome! Com estes sistemas de tortura, querem debilitar-nos, o corpo e o espirito, querem reduzir-nos á impotencia, para melhor nos dominar, para com mais facilidade nos continuarem explorando! Está-se cometendo um crime repugnante contra as nossas existencias! Com ignobil premeditação, os nossos senhores, os nossos carrascos, estão atentando contra a VIDA das nossas companheiras, dos nossos filhos!!! A legião dos nossos irmãos tuberculizados, engrossa pavorosamente, dia a dia, hora a hora! Morrem irmãos nossos de fome, nas ruas, como cães leprosos! A burguesia com alvar cinismo, manda varrer os cadaveres para as valas comuns dos cemitérios! Esta situação é de enlouquecer! A vida (?) tornou-se horrivel, insuportavel!

Entretanto a burguesia não desiste de nos liquidar. Está firmemente resolvida a isso!

Camaradas e irmãos nossos, atenção! Escutai este brado:

**A Burguezia e o Capitalismo querem assassinar-nos em massa! A arma para a execução deste crime é o desemprego!**

Entre os romanos, os oraculos Sibilinos diziam: «Ahi se a

terra não estivesse assente e fixada tão longe do ceu, os ricos teriam conseguido que a luz não fosse repartida entre todos!» Enganaram-se os oraculos. Os trabalhadores quasi não vêem a luz, que se transformou num privilegio dos ricos. Os trabalhadores estiolam-se em sombrias oficinas, vegetam no sub-sólo, nas minas, habitam pardieiros sem ar nem luz e morrem famintos e miserandos nos hospitais, ou nas vielas sem luz! Enganaram-se os sibilinos!

Civilização, progresso, conforto e sciência, são delicias, são maravilhas, monopólio dos ricos e por eles, sómente, utilizadas. Tudo quante de agradável se inventa, se edifica, unicamente aos burguezes aproveita. Nós os pobres, nós os que tudo produzimos, nós que somos o braço executor da sciência, da civilização, não temos nenhuma dessas maravilhas, nem abrigo, nem vestes, nem pão!!

Desta forma a civilização, o progresso e as invenções, só nos prejudicam. As máquinas, por exemplo, em vez de nos reduzirem as horas de trabalho e de nos melhorarem os salarios, lançam-nos no desemprego, reduzem os salarios aos empregados, aumentam a lornada de trabalho e criam o semi-emprego, ou seja, o trabalho só alguns dias da semana. O desemprego está intimamente ligado ás máquinas! A organização social presente, juntamente com um sistema de produção anarquico, completa esta obra de aniquilamento proletario. O capitalismo é nosso inimigo de morte e sómente nos não tem liquidado, porque necessita de nos explorar. Agora, porem, com as máquinas, com a superprodução, ele dispensa-nos na maioria! A sociedade burguesa não precisa de nós e por isso, como inimiga nossa irreconciliavel, que é, irá liquidar-nos! MASSACRAR-NOS-HA EM MASSA!!!

A burguesia não usará do punhal ou do fuzilamento para nos matar. Esses instrumentos servem-lhe para abafar os nossos gritos de revolta, os nossos pretextos.

Para nos *assassinar em massa* o capitalismo empregará uma arma mais comoda, mais bondosa, uma arma mil vezes terrivel: A FOME! A FOME!! A FOME!!! Com ela liquidará ao mesmo tempo os trabalhadores, as companheiras e os filhos! Sessenta milhões de irmãos nossos, 60, sem contar as familias, encontram-se desempregados, encontram-se já na ante-câmara da morte!

Trabalhadores! Camaradas, irmãos nossos, Reparai que não é só pelo desemprego que a burguesia nos quer abater! Para conseguir tão repelente objectivo o capitalismo usará tambem as guerras! Para ele

**A guerra será um matadouro de trabalhadores ao mesmo tempo que lhe conquistará novos mercados.**

Afirma João Gueux: «A produção capitalista não tem por fim senão o enriquecimento dos que possuem os meios de produção. Por consequência, quando a produção ultrapassa as necessidades da nação (isto é, daqueles que são capazes de comprar mercadorias dentro da nação), a classe nacional dos capitalistas tem de encontrar mercados no estrangeiro. Ela porem, encontra ne seu caminho, os capitalistas das outras nações. Primeira causa das guerras: a luta pelas fontes dessas materias primas. Nestas lutas, os grupos capitalistas comportam-se como bandos de piratas. Para cada nação, a ideia de Patria é rebaixada ao nivel do interesse do estomago dos seus capitalistas. O quadro simbolico da civilização contemporanea é a dança do ventre sobre um campo de cadáveres.





E nestas guerras de interesses, rapina, os soldados somos nós, os trabalhadores. Proletários, irmãos nossos de todos os países, chacinam-se uns aos outros por interesses que não são seus! Somos levados à guerra, para friamente nos assassinar-mos, defendendo o capitalismo, o nosso inimigo comum! Camaradas:

Perante um tal estado de coisas é necessário lutar para não sucumbir!

E' necessário reagir energeticamente, rapidamente!

E' necessário, quebrar as lanças que nos entregaram para nos matarmos, e chocarmos fortemente, fraternalmente, os nossos peitos irmãos, os nossos corações proletários! E' indispensável, é urgente voltarmos as armas que o capitalismo nos entregou, contra ele próprio! É urgente que se faça a *união sovrada, a união massiva de todos os trabalhadores contra o capitalismo, contra o inimigo feroz que nos quer liquidar!!!*

Camaradas: Mostrámo-vos já um inimigo, — o capitalismo. — Perante esta necessidade de luta, perante esta necessidade de união é nosso dever mostrar-vos igualmente mais dois perigosos inimigos — os lacaios do capitalismo. — Principiaremos pelos

### **Social-democratas, os Social fascistas!**

Nunca como neste momento agudo, de luta encarniçada, de luta de morte, decisiva, se verificou quanta verdade, quanta certeza se encerra nesta afirmação: «Quem não é por nós é contra nós»!

Daqui o gritamos bem alto, a todos os trabalhadores, com voz estentória:

*Quem não é por nós é contra nós!*

*Quem não for pelo poder dos trabalhadores, pelo governo operário e camponês é pelo domínio da burguesia, pelo poder do capitalismo!* Não ha que fugir a esta regra. Os que pretenderem sofismar são *traidores*, são contra o Governo dos trabalhadores!

Quer a burguesia viver custe o que custar. Perante a evolução dos factos, perante o desmoronamento da sociedade actual, vê-se a burguesia na necessidade de colocar de lado algumas das suas pretensões. Querem república? Tenham-na.

Querem acabar com o absolutismo? está certo. O que o capitalismo não consente, nem que para isso tenha de sucumbir, lutando, é que façam a abolição da propriedade privada. Isso é que não! Mas qual o melhor meio de evitar tamanha catástrofe? — Foi assim que surgiu o socialismo reformista, ou social-fascismo. Fazer frente às massas era impossível. Era portanto necessário desvia-las, ludibria-las. Foi este o papel que se propuzeram desempenhar os social-democratas. Segundo estes *traidores* a revolução é uma violência imperdoável (claro está que estes grandes *socialistas* não consideram violência a exploração patronal, o desemprego, etc. De igual modo não consideram violência as revoluções em que andam sempre metidos, dentro dos quadros burgueses, contra a monarquia e até mesmo, contra o poder dos Soviets, contra a Pátria Socialista, como nesta recente conspirata, há pouco julgada em Moscow, dos menchevistas).

Para realizar o socialismo estes *grandes amigos dos trabalhadores* preconizam a conquista do estado burguez, pouco a pouco, para assim irem realizando, também lentamente, as necessárias reformas sociais. Temos pois os socialistas-reformistas de mãos dadas com a burguesia, admiravelmente enquadrados no sistema burguez e servindo-o, como bons lacaios que são. Nesta escalada do poder burguez, já conseguiram apoderar-se de alguns e louvor lhes seja feito, teem defendido os interesses capitalista com mais dedicação, do que os próprios capitalistas. Senhores do estado os social-fascistas teem sido os piores inimigos dos trabalhadores. Só na Alemanha, desde de 1919 até 1921, estes canalhas assassinaram mais de 30.000 proletários! São pois a guarda avançada do capitalismo da guerra de banditagem, que este move à massa enorme dos salarizados, dos escravos. Por isso esses lacaios procuram emi-

cuir-se entre a massa! No seio dela melhor a podem apunhalar. Os operários que os seguem, embora poucos e inconscientes, nem por isso deixam de ser um esgarro na classe obreira, o enxovalho das doutrinas socialistas!

Trabalhadores: Urge desmascarar esses traidores! Urge corre-los a pontapé das tuas organizações! Esmaga-os impiedosamente, como prémio da sua ignóbil traição!

Mas... queridos camaradas! Outro inimigo procura enleiar-nos. Este inimigo, não menos repugnante do que o social-fascista, para que o possamos combater eficazmente, vamos apontá-lo ao proletariado para que seja inexoravelmente castigado. Ei-lo:

### **O Anarquismo, o Anarco-reformismo!**

O social-fascista é o inimigo consciente. O anarco-reformista é o inimigo inconsciente. O anarquista não aceita a revolução porque, diz ele, é contra toda a violência. É pois contra a revolução proletária, porque não admitindo nenhuma espécie de violência, não pode admiti-la, nem sequer contra a burguesia. Praticamente consente a violência exercida pelo capitalismo sobre as massas trabalhadoras, porque enquanto não for apeada, a burguesia, não cessa de violentar o proletariado. Prégando contra a organização revolucionária das massas, coloca-nos à mercê dos nossos inimigos. E' pois uma corrente perigosa, porque no momento que atravessamos, momento de luta enérgica de classe contra classe, momento profundamente revolucionário, pretende castigar-nos, inutilizando-nos para o combate.

Combatendo o poder dos Soviets, o governo dos trabalhadores, põe em perigo milhões de proletários libertados da tirania capitalista. Coliga-se criminosamente ao capitalismo, auxiliando-o miseravelmente, na guerra anti-soviética!

Camaradas; O momento é de luta e não podemos de maneira nenhuma cruzar os braços como pretendem os anarco-reformistas! A' guerra anti-operária da burguesia devemos responder com a guerra anti-capitalista de todo o proletariado! A' violência burguesa devemos ripostar com a violência revolucionária das massas!

Para nos salvarmos do atentado infame que o capitalismo perpreta contra nós, para esmagar-nos rapidamente tão odiado inimigo, corramos em massa a engrossar as já compactas fileiras, do nosso enérgico, intemerato defensor, do heroico

### **Partido Comunista**

Único caminho, rápido e seguro, para a emancipação de todos os trabalhadores de Portugal!!

Do anarquismo disse o camarada Lenine: «Quando o proletariado entra em decomposição, é então que surge o anarquismo». O anarquismo é pois uma doutrina doentia. Perante a organização anti-proletária, formidavelmente militarizada da burguesia, nós os trabalhadores temos que nos organizar também, ferreamente. A' disciplina na caserna do capitalismo, teremos que opôr a saudavel disciplina revolucionária. A' sua ofensiva raivosa tereremos que opôr uma contra-ofensiva, a mais compacta, a mais enérgica! Nesta guerra de morte, nesta guerra sem tréguas nem quartel, um só exército existe capaz de dar às massas, a vitória: o *Partido Comunista!*

Uma só força proletariana existe capaz de vencer: o *Partido Comunista!*

Uma só bandeira existe que a burguesia não conseguirá abater: A *bandeira vermelha do invencível Partido Comunista!*

*Trabalhadores de Portugal!*

*Por um Portugal Soviético! Por um Governo Operário e Caponês! Pela Revolução Mundial Comunista! Pela Emancipação de todos os explorados! Pela queda rápida dos nossos inimigos, de todos os exploradores!*

*Vinde em massa, transbordantes de energia, guiados por uma vontade revolucionária, audaciosos, invencíveis, combater entusiasticamente nas fileiras do maior e mais valente Exército Proletariano de Portugal, o Partido Comunista Português, pela vossa, segura, rápida libertação!!*





PELO MUNDO FORA

# A reacção capitalista e a revolução proletária em marcha

## NA CHINA

*Segundo informa um órgão da burguesia, sete províncias estão praticamente debaixo do contróle dos bolchevistas*

A burguesia manifesta, a todo o momento, o instinto da sua própria conservação. São ditadas por esse instinto as medidas de repressão material e moral que ela põe em prática, directamente ou indirectamente pelos seus agentes social-democratas e anarco-sindicalistas, com o fim de sustar o movimento proletário internacional que a liquidará tanto no campo económico como no campo ideológico. Uma das medidas empregadas é a mentira sistemática a respeito de tudo o que se ligue à acção comunista dos trabalhadores, à República dos Soviets, à Revolução proletária mundial. A burguesia desfigura todas as notícias respeitantes à luta de classes quando, com a verdade, são favoráveis ao proletariado. Quem lê os jornais burgueses e os jornais «operários» anarco-sindicalistas e social-democratas constata que os seus redactores são pertinazes no ataque desleal ao comunismo e ao país onde se edifica a sociedade socialista. O «*Worwaerts*», órgão dos social-democratas alemães, por exemplo, dizia há dia que «o governo soviético é o mais reacçãoário do mundo inteiro». Lembra-se com certeza, quando o dizia, do processo levantado, na U. S., aos seus partidários menchevistas, mas esquecia-se de que eles eram os agentes da intervenção imperialista armada na União Soviética, na Patria dos trabalhadores.

Os triunfos do proletariado, a burguesia diminui-os, chegando a transformá-los em derrotas, isto é, em triunfos seus. A burguesia mente e mentirá tanto mais quanto mais próxima sentir a sua morte, que é fatal. Com a mentira pretende ela ludibriar os trabalhadores, prendê-los à causa negra que defende, conseguir em cada um, um soldado ponto a bater-se, não pela Revolução que os emancipará, mas pela sua própria escravidão, pela sua própria morte, pela miséria e pela fome entre as suas próprias famílias. Não se deixarão, porém, os trabalhadores ludibriar: a escravidão, a morte, a miséria, a fome, sobre que assentam as posições do capitalismo, serão debeladas implacavelmente pela acção revolucionária das massas.

No entanto, às vezes, a burguesia, atemorizada pelo «perigo bolchevista», sendo obrigada a dar o alarme, fala verdade. Caso raro, só motivado pela iminência da derrota. E' assim que um jornal burguês francês «*Je suis partout*» publica um artigo sobre o «perigo bolchevista» na China. Dele recortamos os períodos seguintes:

— «O foco do incendio vermelho continua a ser alimentado. Não obstante todas as promessas, protestos e ameaças, a repressão comunista anunciada pelo governo não deu resultado. *Sete províncias estão praticamente debaixo do «contrôle» dos bolchevistas*: o Honan, o Hupah, o Hounan, o Kiangsi, o Tchekiang, o Kianpu, e o Anhwei. O seu chefe, o general Chu Teh, que fez os seus estudos na Alemanha e na Rússia, está rodeado dum estado-maior composto de estudantes regressados da Europa e de conselheiros militares soviéticos às ordens da III Internacional».

E' um jornal burguês que o diz. Não será isto uma chamada de socorro? As sete províncias representam uma população de 130.000.000 e realmente é de tremer que estes milhões de trabalhadores e esfomeados tomem consciência da sua situação e se levantem contra os piratas imperialistas que vão até à China, roubar-lhes o que de direito lhes pertence.

O operariado e os camponeses da China não pararão: serão eles e os trabalhadores de todo o mundo que, unidos todos

para o mesmo fim, libertarão a Humanidade das garras do capitalismo ganancioso e explorador.

Viva a Revolução Mundial!

Viva a Internacional Comunista!

*As tropas governamentais revoltam-se e passam-se para o exercito vermelho chinês*

Noticias de fonte comunista, dizem que a 5.<sup>a</sup> a 12.<sup>a</sup> divisões das tropas de Chang Kai Schek se revoltaram, juntando-se em seguida aos comunistas da China central. Os soldados da 5.<sup>a</sup> divisão prenderam os seus officiaes; os da 12.<sup>a</sup> cortaram as linhas telefónicas, arrancaram os rails, interromperam completamente as comunicações.

Sabe-se mais que, depois destas deserções, 10.000 soldados se revoltaram no Hounan, apoderando-se duma linha de caminho de ferro e batendo as tropas fieis enviadas contra eles.

Um jornal de Shanghai informa que, numa montanha próxima da cidade de Intziang, os comunistas instalaram um grande deposito de armas que fornece os soldados vermelhos, ao longo do rio Iang-Tsé, com espingardas e munições.

As posições e a influencia do Exercito Vermelho chinês são, como se vê, formidáveis.

## ALEMANHA

*Hindenburg decreta o estado de sitio e suspende as garantias constitucionais*

Com geral aprovação do governo Brüning, dos social-democratas e dos outros partidos burgueses, mas ante a hostilidade declarada dos comunistas, Hindenburg institui, na Alemanha, a ditadura fascista. Com o seu decreto, o presidente tira aos trabalhadores os seguintes direitos: a liberdade individual, de associação e de reunião, a inviolabilidade do domicilio; a interdição da censura; a liberdade de se exprimir livremente. E' esta medida de repressão indica bem como o capitalismo caminha velozmente para a morte. Não serão, porém, esta nem qualquer outras medidas reacionarias, que deterão o movimento triunfal das massas trabalhadoras alemãs para uma Alemanha Soviética.

## INDOCHINA

*Em pleno julgamento cortam a cabeça a um revolucionario*

Ante a formidável torrente revolucionária dos milhões de operários e de camponeses indochineses esfomeados, os governos da França e da Indochina fazem trabalhar, dia e noite, a guilhotina e as metralhadoras. Execuções capitais, condenações a trabalhos forçados perpétuos, deportações, fuzilamentos em massa, eis a obra sanguinolenta e barbara dos imperialistas franceses nessa sua colónia da Ásia.

O movimento revolucionario de massas indochineses é caracteristicamente comunista.

O que os imperialistas fazem na Indochina é bárbarie pura e simples. Assim que prendem um revolucionario fazem-no ajoelhar e cortam-lhe o pescoço sem mais preâmbulos. O mais cruel de todos os crimes, praticaram-no no proprio tribunal onde os revolucionarios estavam sendo julgados: um deles, condenado á morte, foi decapitado em plena sessão.

Entretanto na Europa, Briand canta hosanas á paz no mundo, entre as nações...

Perante estes crimes da burguesia todos os trabalhadores devem protestar com veemencia. Não é impunemente que os piratas imperialistas matam camaradas nossos que se revoltam pelas mesmas razões porque aqui, em Portugal, nós nos revoltamos.





# O conde de Penha Garcia, caluniador da politica economica e social dos Soviets

O conde de Penha Garcia, num gesto de canalha, publicou no «Diário de Noticias de 5 de março, um artigo calunioso para a politica economica e social dos Soviets.

O capitalismo agonizante, caduco, espuma de raiva ao ver que os Soviets, paralelamente á decadencia capitalista, constroem o estado socialista. Por isso não estranhámos que esse microbio da sociedade burgueza, chamado Penha Garcia, se defenda com a arma infame da calunia.

A burguezia internacional, depois que a revolução russa triunfou, tem fiscalizado, a seu modo, as diferentes fases porque passa o regimen sovietico. A grande seca dos primeiros mezes depois da revolução, quando os exercitos brancos ainda permaneciam em pé de guerra, foi considerada pela burguezia, como factor decisivo pra que a revolução abortasse. Os milhares de victimas que diariamente produzia a seca, não comoveu naquele instante o mundo capitalista. Emquanto o povo russo lutava com a fome, com a morte, alimentando-se de raizes e resistindo á offensiva dos exercitos brancos, Paris, Londres, Roma... celebravam com grandes orgias o triunfo da grande conflagração. Enquanto nos magnificos salões diplomaticos de Paris corria festivamente o champagne, nas tristes cabanas da estepe russa morriam as crianças, victimadas pela fome e pela peste.

Hoje, estes mesmos miseraveis, que consentiram que o povo russo socumbisse de fome e de miseria, ao vel-o triunfante e ameaçando o capitalismo internacional, falsciam grosseiramente a politica economica e social dos Soviets, lançando a calunia de que os operarios estão sujeitos a um regimen de trabalho forçado.

Julgou a burguezia que rapidamente venderia a turba russa, bloqueando o paiz e desacreditando a politica bolchevique. Hoje a Russia é um paiz organizado, disposto a vencer os seus inimigos.

A politica da NEP, que o conde de Penha Garcia apresenta como uma abdicação dos bolchevistas, sem dizer os motivos que a determinaram e os fins que tinham em vista, deu em parte, o triunfo aos Soviets. Um povo como o russo, submetido ao mais cruel dos despotismos que a historia regista, não podia libertar-se da secular tirania que o dominava até 1918, por obra e graça dum golpe de força como a revolução. Havia que contar com popes e burguezia, obedientes á contra revolução, usando do sabotage, incendiando as colheitas e não cultivando mais do que o indispensavel para a vida caseira. Lenine, com a visão clara da situação, deu um passo atrás, e preparou-se, como nas retiradas militares, para a offensiva.

Criou a politica da NEP, dando algumas facilidades aos pequenos proprietarios, seguro de que uma organização inteligente, no cultivo das terras, pelo sistema colectivista, absorveria os kulaks.

Em que medida se tem realizado esta politica de Lenine, tão inteligentemente seguida por Staline? Segundo o Partido Comunista Russo, o kulak desapareceu com o plano quinquenal. As informações que a este respeito nos dá o camarada V. Konibych, sobre a produção de trigo nos primeiros dois anos, é a seguinte:

«A superficie semeada, passou de 118 milhões de hectares, em 1928-1929, para 127,7 milhões, em 1929-1930». «A recolha bruta do trigo em 1930 foi de 86,5 milhões de toneladas, contra 17,7 milhões, em 1929.» «Mais de cinco milhões de fazendas passaram da forma individual da exploração da terra, ás formas collectivistas de exploração, convencidos pela experiencia, das vantagens desta nova forma economica. Em lugar de 20,6 milhões de hectares previsto para o fim do plano quinquenal, as solkoses (associações de camponeses) cultivaram já 36 milhões de hectares em 1930. Um elemento decisivo é que o nivel de collectivisação alcança

83,8 % nas regiões mais importantes do trigo (Caucaso do norte, Volga medio e inferior, Ucrânia).

Informa-se que o Conselho de Economia Nacional calculou para 1931, um aumento de 45 % sobre o previsto do plano quinquenal. Os solkoses explorarão, para 1931, uma superficie total de 54 milhões de hectares, somente para a cria de gado, quer dizer, uma superficie muito maior do que a extensão total da Alemanha, ou o conjunto das superficies da Italia, Austria e Dinamarca.

O numero de trabalhadores assalariados alcançou na totalidade, em 1929-1930 a cifra de 13.684.000, contra 12.793.000 previsto no plano quinquenal para esse ano. Isto deu em resultado, a extinção total do problema do desemprego forçado, logo no fim do segundo ano do plano quinquenal. Em 1 de outubro de 1930 o numero de operarios disfrutando a jornada de 7 horas foi de 43,5 %, sobre 19,1 % do primeiro ano. Os salarios dos operarios foram aumentados nestes dois anos do plano quinquenal em 12,1 %.

Apesar das calunias inventadas pela burguezia internacional, propagando infamemente que os comunistas russos, como disse Penha Garcia, *instituem o trabalho forçado em todo o territorio russo; que uma disciplina de ferro nos fabricas, aumento das horas de trabalho, etc.* será a causa das grandes diminuções no preço do custo... Infame!

Agora, senhor conde, dir-lhe-hei como vivo neste paiz encantador. Eu simbolizo os operarios portugueses. Como vivo? Aonde estão as garantias da minha existencia e dos meus? Até onde chega a minha liberdade?

Vivo, Penha Garcia, numa cabana forrada de lata, feita por mim, nos arredores da cidade. Tenho quatro filhos e mulher. Apesar de ser operario qualificado, estive sete mezes sem ganhar o indispensavel para as necessidades dos meus. Ha alguns dias encontrei trabalho, um trabalho desumano, bestial: Dez horas diarias extenuantes por outros dez escudos. Os meus pés escorrem sangue pelas gretas que o ácido me produz.

Conhece a situação dos meus? Os meus quatro filhos estão anémicos; a minha companheira está enferma com um principio de tuberculose. Ha um mez que não abandona a cama, cama imunda, cheirando a febre, desmantelada. Durante o verão vendi tudo quanto tinha de valor para acudir ás necessidades dos meus, incluindo os cobertores, que agora serviriam de resguardo nas noites frias de inverno.

Depois das dez horas de trabalho e de andar cinco quilometros para chegar á minha triste choça, tenho que dedicar-me aos afazeres domesticos, tratar dos meus filhos e de minha esqueletica companheira. Engano, depois, em tres ou quatro horas, o sono, e, ainda sem luz do dia, empreendo o caminho da maldita fabrica, afim de produzir o suficiente para que o meu patrão viva sem preocupações que lhe atorem a existencia.

Qual é a minha liberdade, o direito que me dais dentro desta sociedade? Contribuí com o meu sangue para a implantação da república, e no final de contas fui enganado pelos republicanos. O meu corpo foi assinalado com tres feridas recebidas nas barricadas de 1910. Em troca destes sacrificios, que liberdade politica me haveis dado?

Quando gosarei os beneficios que a república me prometeu? Economicamente já lhe disse como me encontro e quanto a liberdades, nunca as tive. Nem ao menos lhe posso dizer quem sou e aonde vivo, para comprovar as minhas afirmações, pois que estou certo de que não seria V. Ex.<sup>a</sup> quem se apresentaria á porta da minha choça, mas sim a policia de informações para me mandar para a Africa como um elemento perigoso para a tranquillidade publica.





## A MANIFESTAÇÃO-FARÇA

(Continuação da 1.ª pagina)

que visa, é que são, por demais significativos e importantes para que o nosso Partido os deixe passar sem uma análise pública, sem que sobre eles tome posição.

A política da situação fascista para com o proletariado, tem sido de desenfreada repressão, e para a contrabalançar os seus chefes não se cansam de apregoar a sua simpatia para com o proletariado, afirmando que a sua energia repressiva, visa apenas os *meneurs*.

O argumento, é, por demais, velho, para poder vingar. Mas a verdade é que, em certas camadas sem preparação, e entre a pequena-burguesia, ele ainda encontra eco, e pelo menos, amortece o espírito de protesto. Assim, e servidos pela censura, pela polícia de informação, e pelo uso de processos repressivos que vão até ao assassinato, a situação fascista vinha conseguindo, que o proletariado se mantivesse em modorra, sem acção.

Da banda de cá, nada contribuía para romper ousadamente esta atmosfera de indecisão, por parte da massa sofredora.

Os Chefes cegêstistas, independentemente do jornalismo legal e da representaçãozinha aos poderes constituídos nada mais precanizam, e nada mais fazem, que conspirar, num colaboracionismo vergonhoso, com todos os autores do vagão fantasma e das deportações sem julgamento, que surjam a convidá-los.

Quanto ao nosso Partido, sendo a única corrente revolucionária que vem lutando publicamente e clandestinamente contra o fascismo dominante, sem colaboracionismos de qualquer espécie, não pode, dada a especial repressão de que vem sendo alvo, fazer tudo quanto se impunha. Muitos dos nossos militantes estão exilados e deportados, e os que o não estão andam no país a monte. Da nossa acção, por isso, sendo muita, e filha dum formidável esforço, não tem resultado o efeito desejado.

Nestas condições, fácil era ao governo fascista, iludir a opinião pública, iludir mesmo parte do operariado das províncias, afirmando que o proletariado não protestava porque estava com a situação, que a economia do país estava prospera, o que provava a eficiência da política económica da situação fascista.

A crise mundial, porém, a confirmar as doutrinas de Marx, refletiu-se em Portugal; o chomage aumentou ainda mais, atingindo os seus efeitos, todas as classes. Isto e a nossa pertinaz propaganda clandestina, conseguiram fazer ouvir-se nas ruas de Lisboa o primeiro autentico sinal de protesto político, publico, contra a ditadura: as manifestações da noite de 3 de Outubro do passado ano.

Esses acontecimentos, embora abafados pela censura, ecoaram pelo país, e o governo dando-se conta da situação que se lhe antolhava, repeliu publicamente, por habilidade política, a colaboração dos legionários nascentes, e ao mesmo tempo que, em silencio, deportava militantes e encerrava sindicatos, dava larga publicidade á sua intenção de elaborar um código de trabalho que desse *lindas garantias* aos trabalhadores, e os seus ministros visitavam amistosamente as regiões operárias mais importantes.

Era o abraço a disfarçar a traiçoeira punhalada.

O chomage porém, continuou a agravar-se tanto nos campos e nas fabricas, nas vilas e nas cidades, que a censura era já impotente para sufocar a publicidade da sua pavorosa existência.

E o 25 de Fevereiro, dia de protesto internacional contra as crises de trabalho, que são uma consequencia unica da organização dos estados capitalistas, encontrou a massa sofredora, numa tensão de espirito, visinha da revolta.

Foi então que, na vanguarda da massa, radicalizada pela propria experiencia, o nosso Partido, só, absolutamente só em Portugal, convidou a juntarem-se num protesto eloquente os milhares de estomagos famintos que pululam na região portuguesa.

Porém, mais que as prisões, e as prevenções, a falta de guias

decididos e o nenhum treino da massa nas lutas de rua, deixou arrefecer a acção final. Contudo, apesar de dispersa, a parada dos esfomeados, foi tão eloquente que mostrou bem ao governo fascista, ser o proletariado o seu maior inimigo porque é a sua maior vitima; foi tão eloquente que desmentiu, perante o país a apregoada simpatia dos operários pela actual situação politica. Desfez-se publica e estrondosamente a lenda.

Lutando já com os odios filhos da acção económica que pratica e que a crise mundial agrava, sempre apreensiva com a actividade politica hostil, que os acontecimentos de Espanha mais animam, e em preparativos de eleições, por intermedio do seu aparelho politico: «A União Nacional», ao governo fascista, continha tudo menos o que se passou, porque lhe não convem perder influencia entre os sem partido, entre os sem-tendencia, entre todos aqueles que formam a sua opinião politica pela exclusiva leitura do «Noticias» ou do «Seculo», pelos discursos balofos de frases feitas, pronunciados pelos ministros ou seus satelites. E daí, enquanto apoiado na amarela muleta reformista, se dava ao apressado trabalho de reclamar a elaboração de um belo código de trabalho, ia em segredo ensaiando a farça de 25 de Março que o Partido Comunista vem denunciar aos trabalhadores de Portugal.

A habilidade politica e a provocação que representa não atingirá o seu fim, não ficará sem resposta.

O proletariado que não tem lar nem pão, esse proletariado que a 25 de Fevereiro foi empurrado pela cavalaria, como bando de leprosos, os operários e os camponeses que por esse Portugal fora, aguardam em vão, dias seguidos, ás portas das sedes dos concelhos, que lhes deem trabalho, não deixarão sem resposta a dislatica mensagem, afirmadora de que em Portugal não ha crise de trabalho, e que o proletariado confia nos seus atuais opressores.

A esses, aos autenticos proletários, não quererá S. Ex.ª abraçar, não oferecerá S. Ex.ª cigarros. Nem de longe os ha-de querer ver, mas por muito longe que se coloque, ha-de ouvir-lhes o texto simples mas eloquente da sua mensagem; mensagem lida em plena rua, com amargura e revolta: Pão ou trabalho.

## A TODOS OS AGENTES DE VENDA

**que até hoje não tenham liquidado as suas contas, roga-se a fineza de o fazerem no prazo de oito dias afim de não dificultarem o serviço de administração do jornal "Avante". Pedimos também que, d'ora em diante, apresentem o resultado da venda de cada numero no prazo indicado de oito dias.**

A COMISSÃO DE IMPRENSA

## RIFA

Causas alheias á vontade da Comissão de Imprensa fazem com que a rifa de livros projectada fique sem efeito.

Os camaradas que em Lisboa tenham vendido algumas rifas ficam, por esse facto, autorizados a devolver o dinheiro a quem as tenha comprado.

A COMISSÃO DE IMPRENSA